

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

REQUERIMENTO N.º **- 5637 / 2013**

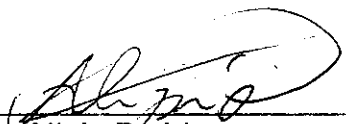
Requer que seja incluso nos anais desta Casa a matéria publicada no Jornal O POVO intitulada: Crack: Droga significa assassinato?

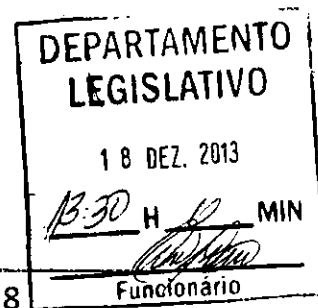
EXMO. SR. PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA:

O Vereador **Alípio Rodrigues** no uso de suas atribuições legais e regimentais vem, com o devido respeito e acatamento após ouvir o Plenário, requerer a Vossa Excelência que seja incluída nos Anais desta Casa a matéria intitulada: **Crack: Droga significa assassinato?** Publicada no Jornal O POVO do dia 17 de dezembro de 2013.

Requer, ainda, que da decisão desta Casa dê-se conhecimento ao **Senhor Servilho Paiva, Secretário de Segurança do Estado do Ceará**, Av. Bezerra de Menezes, 1820 - São Gerardo, Fortaleza - CE - CEP: 60325-002; **Jornalista Bruno de Castro**, Jornal O POVO, Av. Aguanambi, 282, José Bonifácio, Fortaleza-CE.

DEPARTAMENTO LEGISLATIVO DA CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA, EM
18 DE dezembro DE 2013.


Alípio Rodrigues
Vereador do PTN



CRACK

Droga significa assassinato?

Bairros com maior apreensão de crack necessariamente têm elevado índice de homicídio, como o Governo prega? Números da própria Secretaria da Segurança indicam que não necessariamente. Para especialistas, lógica analítica do Estado é equivocada e desconsidera fatores históricos essenciais

Bruno de Castro
brunodecastro@opovo.com.br

Númericas foram as vezes em que representantes do aparato policial cearense, da cúpula da Secretaria Estadual da Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS) e até do Governo do Estado atribuíram o elevado índice de assassinatos nos últimos anos ao advento do crack. Chegou-se a falar em até 90% dos homicídios dolosos (intenção de matar) com ligação direta ao tráfico/uso da droga. Uma regra simples para um problema complexo: bairros com recorrente de drogadicção eram os de maior incidência de mortes violentas. Relatórios da própria SSPDS mostram justo o contrário.

O POVO analisou e comparou todos os 40 bairros da SSPDS dos anos de 2012 e 2013 com os indicadores de

O cenário do crack nos dez bairros com mais homicídios na Capital*

Relatórios da SSPDS desmontam o discurso da própria secretaria de que o elevado número de assassinatos em Fortaleza é fruto do impacto social do crack. O Demócrito Rocha, bairro com a maior apreensão da droga neste ano (4,9kg), registrou apenas uma morte violenta intencional e está no último lugar do ranking dos homicídios.

	Número de homicídios	Crack apreendido
1 Jangurussu	46	796,8g (12º no ranking)
2 Pici	40	261,7g (27º no ranking)
3 Barra do Ceará	37	728,5g (13º no ranking)
4 Bom Jardim	37	592,7g (16º no ranking)
5 Granja Lisboa	37	418,3g (22º no ranking)
6 Mendubim	36	156,7g (43º no ranking)

SAIBA MAIS

Além do Demócrito Rocha, outros bairros de Fortaleza, que registram apenas um assassinato em 2013 foram: Dunas (Menue); Dias Branco; Arnadeu Furtado; Jardim Cearense; Bom Futuro; Guararapes (Patrolinho Ribeiro) e José Bonifácio.

Francisco Vargas cita:

SERVILHO PAIVA Secretário minimiza baixa apreensão

Recém-chegado ao comando da SSPDS, o delegado federal Servilho Paiva reagiu em tom de desagrado à denúncia, feita pelo O POVO ontem, de que a Polícia cearense apreende pouca quantidade de crack. Durante a solenidade de posse de escritórios, ontem, na sede da Polícia Civil, o secretário minimizou o baixo número de apreensões de crack: "Você acha limido o quê? Você faz essa comparação com o quê? Eu não estou com o dado aíndá

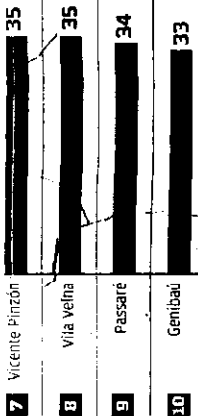
apreensão de crack e cometimento de assassinatos em Fortaleza e publicados na Intertet. A cidade concentra quase metade dos homicídios do Estado. No ano passado inteiro, teve 1.628 registros. Neste ano, de janeiro a agosto (o dado mais atual), foram 1.254 ocorrências.

Dos dez bairros com os maiores índices de homicídios dolosos em 2013, apenas o Passaré figura no ranking de localidades com os mais elevados montantes de apreensão de droga. O langurussu, historicamente entre as regiões mais violentas da Capital, ocupa o primeiro lugar na lista de mortes violentas (46). Contudo, está no 12º lugar quanto à apreensão de crack, com 796 gramas recolhidos em oito meses.

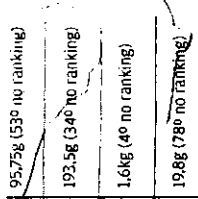
O Genibabi, com o décimo maior número de assassinatos (33) este ano, teve a 7ª apreensão de crack do ano: somente 198 gramas. Mais emblemático é o caso do Demófilo Rocha. No topo do ranking de apreensão de crack deste ano, com 4,9kg de droga recolhidos de janeiro a agosto, o bairro teve o menor patamar de assassinato no período: apenas um caso.

Para especialistas, trata-se de uma demonstração clara de equívoco governamental na análise quanto à propagação da violência no Ceará. Não se pode associar uma prática criminosa a somente um fator, por mais que ele seja elevado. Quando a gente analisa uma taxa de criminalidade, tem que considerar o contexto social, cultural, político e econômico. E o Estado não faz isso. Só põe a culpa no crack, quando a discussão envolve um histórico de falta de política pública para a população menos favorecida", critica o pesquisador do Laboratório de Estudos da Violência (LEV/LJFC), Marcos Silva.

Tese endossada pelo ordenador do LEV e ex-di-



*Dados atualizados de janeiro a agosto. Fonte: SSPDS



USUÁRIOS E MERCADO

Prefeitura desconhece dimensão do problema

Em Fortaleza, nem a Secretaria Municipal da Segurança Cidadã (Seseg) nem a Coordenadoria de Política contra as Drogas dispõem de um diagnóstico sobre a incidência da drogadição na vivência social e sobre a logística das políticas. O poder público não tem ideia de quantos usuários de crack existem aqui nem do montante de entorpecente que entra e sai da maior cidade do Ceará.

Um levantamento do perfil dos dependentes começa agora a ser feito, por conta da criação de 300 leitos para o tratamento de adictos que pedem ajuda a uma central criada pela Prefeitura (ver serviço). "Talvez a gente tenha uma noção. Mas é difícil dimensionar. Você pode chutar. E vai passar o tempo todo chutando", pondera o titular da Seseg, Francisco Veras.

Ele defende a tese de que o tráfico movimenta a economia das periferias, fazendo da droga a responsável por boa parte dos homicídios. E lamenta a pouca apreensão de crack feita pela SSPDS. "Se você sair aqui da secretaria e andar na rua, é ohar para várias pessoas que são a cara do crack. Você nota que o crack está aqui. Então, como é que se apreende 40 quilos?"



Serviço

Para informações de usuários de drogas
Onde: Centro Integrado de Referência sobre Drogas (avenida Luciano Carneiro, 99, bairro de Fátima)
Telefone: 0800 032.14.72

regiões consideradas as no localidade em relação drogas e assassinatos. Vicente Pinzón, Bairro Abrebras, Pirambu, Vila Velha, Grande Bom Jardim e parte de Messejana.

Os dez bairros de Fortaleza com a maior apreensão de crack em 2013 são: Demófilo Rocha (4,9kg), Bonsucesso (2,5kg), Passaré (1,6kg), Fátima Brito (1,3kg), Messejana (1,2kg), Mucuripe (1kg), Guajará (970g), Planalto Ayrton Senna (929g) e Barroso (921g). 05 bairros referem-se ao período com janeiro e agosto.

São os mais atualizados pela SSPDS. **O POVO** tentou falar com representantes da SSPDS durante toda a semana passada. Ninguém quis comentar a relação drogas e homicídios.

que me passasse". De janeiro a agosto deste ano, apenas 103 quilos de crack foram apreendidos em todo o Estado. O número tem por base os relacionamentos da própria SSPDS divulgados no site da pasta. A média é de 12 kg de crack apreendidos por mês.

A Central Única das Favelas (Cufa) estima que, somente em Fortaleza, o universo é de cerca de 30 mil usuários, cada um consumindo 12 pedras por dia. "Tímida ou não, essa não é a questão. O crack é uma droga de difícil identificação, que não é produzida aqui e chega para as políticas numa situação pulverizada", declarou Servilho.

O secretário ponderou que o Brasil não tem estudos significativos sobre o crack, para tratá-lo não só da perspectiva policial, mas de saúde pública. E admitiu que o Ceará também não dispõe de estudo sobre a droga. "A Polícia precisa fazer um para efetivar um melhor combate".

Servilho classificou a "boca de fumo" do crack como diferente da existente para outros químicos. "Você pega dez pedrinhas e sai nos sinais vendendo. Fica na estrada, recebe um sinal e entrega... Não é aquele ponto concentrado onde tem um fulano que vende. Essa forma de venda, precisa ser melhor estudada. A gente precisa intensificar os patrulhamentos nas rodovias. Mas tem também o transporte aéreo e o marítimo. Já se vislumbrou o estado como uma ponte para o transporte internacional de crack", disse. (Bruno de Castro/colaborou Thiago Paiva)

Leia amanhã

Fortaleza e sua "Upp". Bairros serão monitorados a partir de janeiro.